

Workshop Temático – Reunião RIS3 e Turismo

Faro, 4 de julho de 2013, 14.30 horas

(Exmo. Sr. Secretário de Estado do Turismo)

Exmo. Presidente da Entidade Regional de Turismo

(Magnífico Reitor da Universidade do Algarve)

Dear Professor Philip Cooke

Dear members from RIS3 Platform

Exmos. Palestrantes deste *workshop*

Caros colegas das Regiões Europeias presentes

Caras e Caros participantes

Bem-vindos ao Algarve.

A presença de todos vós neste evento, para discutir esta temática é a prova de que este é um tema estrutural para a Europa e para a Região.

Os novos desafios colocados pela Estratégia 2020, sobretudo em termos do crescimento Inteligente, obriga, em Regiões com a nossa, a reequacionar os caminhos e as prioridades para atingir os melhores resultados.

É nosso entendimento, que a **Especialização Inteligente** que fomos desafiados a alcançar, parte do princípio de que a inovação e a competitividade das regiões se deve fundar nas respetivas **características e ativos existentes no seu território**, concentrando recursos nos domínios e atividades económicas em que exista ou possa reunir-se **massa crítica relevante**, tendo como objetivo a criação de valor e emprego. Esta abordagem das Estratégias de Especialização, reforça a necessidade das regiões reavaliarem o seu **posicionamento competitivo** em função do mercado global e da sua capacidade de afirmação internacional, num contexto de um paradigma de

desenvolvimento baseado em **regiões** e na sua capacidade de se **afirmarem**, diferenciando-se.

Para todos os que conhecem a Região do Algarve, e o paradigma de desenvolvimento do seu modelo de desenvolvimento económico das últimas décadas, entendem que o desafio que nos é colocado é de grandes proporções. Senão vejamos:

1 - No próximo período de programação (2014/2020), a Região do Algarve, enquanto Região de Transição, deverá afetar 60% do seu envelope financeiro, aos objetivos temáticos OT 1, OT 3 e OT 4 (centrados fundamentalmente nas componentes Inovação, Competitividade e Eficiência Energética), dando prioridade à transferência do conhecimento para o mercado/empresas, visando a obtenção de resultados, previamente definidos. **Para isso, temos que encontrar no tecido empresarial da região, capacitação adequada para o investimento nestes domínios;**

2 - Enquanto principal Região Turística do país, somos talvez a região Portuguesa mais especializada, representando o complexo das atividades do setor do TURISMO, cerca de 70% do VAB regional, 80% do volume de negócios e 65% do emprego.

3 - Trata-se no entanto de um conjunto de atividades, que por questões estruturais ou conjunturais têm demonstrado fraca adesão ou propensão para os processos de inovação, prova disso, é que no atual quadro comunitário, no Programa Operacional ALGARVE21 (2007/2013), não existe nenhuma candidatura do turismo ao sistema de incentivos de ID&T e a adesão das empresas Turísticas ao Sistema de Incentivos à Inovação, passa em grande medida, pela requalificação física das unidades hoteleiras, que sendo uma intervenção fundamental para a nossa competitividade, está longe da visão que se pretende da relação da inovação com o mercado/empresas;

4 - Apesar de todos os exercícios de planeamento estratégico e operacional, iniciados no **Plano de Desenvolvimento Regional** (1986-90), referirem que a Região tem que assumir a diversificação da base do seu modelo económico e o reforço da cadeia de valor das suas atividades, a verdade é que temos vindo, período de programação, após período de programação, a concentrar recursos no complexo de atividades turísticas e de imobiliária (cada vez menos competitivas) e fomos perdendo as nossas produções regionais tradicionais;

5 - Apesar de sermos a Região Portuguesa que mais cresceu nos últimos dois recenseamentos (cerca de 30%), não conseguimos estabilizar um modelo territorial, capaz de facilitar a dimensão crítica indispensável à densidade de troca e à geração de conhecimento inovador (nenhumas das 11 cidades que temos no Algarve, apresenta mais de 40.000 habitantes);

6 - A Universidade do Algarve, parceiro incontornável deste percurso, sendo o principal referencial do conhecimento da Região, apesar do caminho já percorrido, tem ainda um longo caminho a percorrer para suscitar e forçar a relação e a reação do mercado à incorporação e valorização dos seus resultados e dos seus conhecimentos científicos. As spin-off e star-up criadas nos últimos anos (cerca de 25 empresas e 45 postos de trabalho), sendo apostas fundamentais para a Região, mostram o muito que ainda temos que fazer;

O Algarve, hoje encontra-se na seguinte situação:

- A região com a maior taxa de desemprego do país, particularmente ao nível dos jovens;
- Uma região em convergência negativa com as médias nacionais do PIB *per capita*;

- Uma região fortemente especializada no *cluster* do turismo e do lazer, sem capacidade de absorver noutros setores os excedentes de desemprego, criados por variações sazonais ou conjunturais dessa atividade;
- Uma região que perdeu competitividade e que perdeu nesse processo as suas atividades tradicionais.

Não foi por falta de visão e ambição estratégica que chegámos aqui. Estamos aqui porque provavelmente, em diferentes dimensões fomos todos menos eficientes ou menos capazes:

- O governo central, porque tentou resolver de forma igual o que era diferente, criando regulamentos comuns, e sistemas de incentivos pouco ajustáveis a necessidades específicas, não encontrando mecanismos para valorizar as especificidades de cada região;
- A gestão Regional, porque não conseguiu garantir os instrumentos adequados para forçar a mudança e capacitar os seus empresários para essa a mudança;
- A região, porque sustentada numa forte atividade imobiliária e turística, não entendeu a necessidade de transformar as potencialidades em fatores diferenciadores;
- Os empresários e o tecido organizativo local, porque acreditaram no crescimento eterno e contínuo da sua atividade, não foram capazes de forma generalidade de antecipar problemas e distribuir o risco num leque mais alargado de setores;
- A Universidade, porque não encontrando desafios à altura no mercado, procurou conforto nas suas áreas de valor e num conhecimento que sendo meritório, não tem tido a capacidade de produzir a mudança.

A RIS3 e a nossa capacidade de sermos inteligentes, na definição das prioridades para o futuro, têm que ter em conta os resultados deste percurso que a Região conscientemente trilhou e o caminho a que nos trouxe.

Podemos e devemos, desde já considerar, que:

- a parceria real entre empresas, universidades, instituições e utilizadores (a hélice quadrupla como preconiza a Especialização Inteligente), na busca de consensos e na definição de novas prioridades, já não é um desejo, **tem que ser o caminho**;
- a ambição de diversificação da base económica, não é mais um horizonte distante, **é a solução**;
- a afirmação da cadeia de valor dos recursos endógenos, não pode ser mais um objetivo estratégico, **tem que ser o foco dos resultados**;

Neste sentido, a estratégia Regional de Especialização Inteligente, em desenvolvimento em conjunto com a Universidade e com as empresas da região, identifica 6 sectores prioritários (três consolidados Turismo e Lazer, Mar/Pescas e Aquacultura, e Agroindustriais e três emergentes – Novas TIC e Industrias Criativas, Ciências da Vida/Saúde e Recuperação e Energias Renováveis), que têm que funcionar de forma articulada, reforçando a variabilidade relacionada entre eles, alavancando o seu desenvolvimento na atividade Turística como forma de garantir a captura de valor e a criação de emprego qualificado.

Apostar no que a região faz bem, “fazer Novo com o Velho”, como referia à dias nesta sala o Prof. Augusto Mateus a propósito desta temática, passa em apostar no principal recursos da Região – o nosso Sol, e por produtos que permitam o Algarve **funcionar todo o Ano**, sem que se perca a sua capacidade de continuar territorialmente e paisagisticamente atrativo.

A lógica de desenvolvimento de novos produtos, só faz sentido, se conseguirem incorporar e valorizar os recursos endógenos. Trazer para o Algarve, seniores da Europa sem Sol, para estadias prolongadas em contra ciclo, implica repensar a utilização da capacidade instalada (hoteleira e imobiliária), um território acessibilizado, e a ligação fundamental à economia da saúde, mas será pouco diferenciador à escala global, se não for articulado de raiz com cultura, cidades criativas e requalificadas, gastronomia, etc.

É nesse sentido que organizamos em conjunto com a DG REGIO este evento, no sentido de em rede, partilhando as nossas dúvidas e preocupações com os *stakeholders* Regionais, e com os parceiros de outras Regiões Europeias com o mesmo tipo de problemas de lock-in setorial, encontrarmos as melhores respostas e os melhores caminhos para forçar a mudança.

Caros participantes, estamos no início de Julho, nos próximos meses, o Algarve (como maior região turística do país) vai voltar a animar a sua economia. Provavelmente será, a exemplo dos últimos anos – o melhor ano turístico de sempre (em número de clientes), mas com as receitas em contínua quebra, será provavelmente um ano com menos turistas nacionais (dada a conjuntura que vivemos), com menos 30 a 40% de ingleses e menos 20% de alemães (comparando com os dados dos anos 2000), com estadas médias menores, mas durante 10 semanas iremos conseguir atenuar os cerca de 21% de taxa de desemprego e ocupar, parte dos 59 % dos jovens desempregados.

Para quem, longe da região, apenas olha para as estatísticas do trimestre, e para todos os que não querem na região entender os sinais da evolução das últimas décadas, irão até à saída dos indicadores do final do ano, realimentar a ilusão de que a retoma vem a caminho e que voltaremos ao velho bom desempenho de outros tempos. **Para esses, a RIS3 não é nem será uma prioridade, nem uma preocupação, e não será para eles esta jornada de trabalho.**

O mundo mudou, e para o Algarve e para os seus atores, é hoje claro, que não voltaremos a ter na imobiliária turística o balão de oxigénio para a economia, pelo que é hoje mais fácil, encontrar um diálogo e um consenso na definição de novas prioridades e áreas de intervenção.

O momento que vivemos hoje na Região merece um esforço concertado de todos e uma coordenação integrada dos diferentes instrumentos disponíveis para garantir resultados em linha com as ambiciosas metas da Europa 2020.

Este esforço passa pelo reforço do papel da Região na definição das suas estratégias nomeadamente:

- Concedendo à Região a possibilidade de uma gestão multifundo, integrando as verbas de FEDER e FSE com o FEADER e FEAMP, naturalmente envolvendo os atores locais na decisão mas com uma coordenação integrada liderada pela CCDR;
- Um exercício de programação que reconheça as especificidades Regionais do Algarve, e que não formate o acordo de parceria para o Algarve, como aconteceu no quadro anterior, numa lógica nacional. Neste particular, importa referir, **que o Turismo é e continuará a ser o centro do nosso modelo económico** (sendo desejável que inove os produtos e requalifique a oferta), temos no entanto que reforçar o apoio a outros setores que têm tido dificuldade em afirmar o seu potencial, e que alavancando a sua ligação com o turismo, podem diversificar a base económica regional, e reforçar (preferencialmente com incorporação da inovação e do conhecimento) a captura de valor dos nossos recursos endógenos, como é o caso do Mar e das atividades rurais.
- Que reconheça os problemas de escala e massa crítica regionais, e que permita à região do Algarve, ser **inteligente** a encontrar instrumentos de política pública, adequados à superação dos seus estrangulamentos; **inclusiva** na capacidade de gerar emprego e riqueza a partir dos seus recursos endógenos, e **sustentável** no modelo a desenvolver para as futuras gerações, na solidez do seu tecido empresarial e na salvaguarda do seu património ambiental;

Este é um desafio de todos e para todos.

Caros parceiros regionais, caros parceiros europeus, contamos com o vosso envolvimento, participação e apoio, da nossa parte, sabem que contam com o nosso empenho, na busca de uma região com um futuro mais competitivo, inclusivo e sustentável.

Bom trabalho

Muito obrigado.

Eng. David Santos

(presidente da CCDR Algarve/Gestor do PO Algarve 21)